

VISÃO DE SAÚDE DA GRÉCIA ANTIGA POR UM PRISMA MISTICO E POR OUTRO RACIONAL

Marcos Leandro Chaves Leal *

RESUMO: a Grécia Antiga: grande nação de filósofos, matemáticos e imperadores, tem aspectos peculiarmente admirados até os dias de hoje entre estes, arte, literatura, arquitetura e saúde. Este trabalho aborda esse ultimo segmento mencionado: a Saúde do povo grego. Trazendo uma explanação dos conceitos de saúde a partir de dois focos distintos de uma mesma civilização: a Visão mística de Saúde: que retratara os aspectos mitológicos e religiosos voltados à doença e a cura dos gregos antigos, e a visão Racional de saúde: que deixara de lado o misticismo para seguir a sistematização das ideias, da observação critica, da racionalidade e antropologia. Para desenvolver esse tema abordado utilizou-se pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos filtrados de bases de dados eletrônicos, durante o período de janeiro a fevereiro de 2015. A fim de se ter um trabalho cuja finalidade é trazer conhecimento ao leitor/pesquisador, sobre a transição de conceitos de saúde na Grécia Antiga.

Palavras Chave: saúde – doença, Grécia antiga, visão mística, visão racional, hospital de Epidauro.

RESUME: Ancient Greece: great nation of philosophers, mathematicians and emperors, has aspects peculiarly admired to this day between these, art, literature, architecture and health. This text Scythian this last mentioned segment: Health of the Greek people. Bringing an explanation of health concepts from two different focuses of the same civilization: Health mystical vision: that portrayed the mythological and religious aspects related to the disease and the cure of the ancient Greeks, and the rational view of health: leaving to mysticism to follow the systematization of ideas, critical observation, rationality and anthropology. To develop this theme addressed was used bibliographical research in books and scientific articles filtered in electronic databases during the period from January to February 2015. In order to have a work whose purpose is to bring knowledge to the reader / researcher on the transition of health concepts in Ancient Greece.

Keywords: health - disease , ancient Greece, mystical vision , rational view , hospital Epidaurus

* Enfermeiro pela Faculdade Guarai (FAG/IESC) e pós-graduando em Urgência, Emergência e UTI pelo INCAR/PUC Goiás, mestrando em ciências da saúde e suas tecnologias pela FIG Goiás E-mail: marcosl.videira@gmail.com

INTRODUÇÃO

O conceito de Saúde mudara como o decorrer do tempo, transacionando em cada era da história, e há de continuar alterando-se progressivamente, porém sua importância é ressaltada pela base contributiva para novas confecções teóricas, assim procede-se também para a temática de saúde na Grécia antiga, que deixara suas marcas clássicas pela história da Saúde em geral. Marcas essas que objetiva-se expô-las nessa obra a fim de trazer informações de abrangência histórica da Saúde da Grécia antiga e posteriormente gerar reflexão na mudança dos processos de saúde.

O tema abordado destaca a transição de visões referente ao processo de saúde – doença na Grécia antiga. Através de cada prisma de interpretação da saúde dos gregos antigos podem-se avaliar as crenças, cultura e procedimentos de suas intervenções curativas, a fim de delinear a evolução do conhecimento místico para o técnico - científico nesta civilização.

A metodologia deste trabalho consiste-se em pesquisa bibliográfica, descritiva, e qualitativa. Sua pesquisa foi elaborada a partir de buscas em livros, por método de fichamento e principalmente por filtragem de artigos eletrônicos em base de dados como: Scielo e Google Acadêmico, com os principais descritivos, “saúde Grécia antiga”, Doença Grécia antiga” e Cura Grécia Antiga” durante o período de Janeiro a Fevereiro de 2015.

Deste modo o objetivo desta obra é trazer os leitor/pesquisador, mais um recurso de pesquisa referente à história da saúde na Grécia antiga, recurso esse que contribua para o aprendizado e pesquisa, de conceitos de não só abrangência em saúde, mas de alcance histórico também.

2. HISTÓRIA DA GRÉCIA ANTIGA

No ano 2000 a.C. algumas tribos como os Jônios e os Dórios habitaram em uma península em um arquipélago do mar Egeu, área essa que ficou conhecida como Grécia, essas tribos desenvolveram-se até se tornarem polis (nome dado a cidade), as principais cidades erguidas na Grécia foram Athenas e Esparta. Cotrim (2005, p. 66).

A antiga Grécia pode ser classificada em dois períodos importantes, a *Era cosmológica*: que predominava as explicações mitológicas do universo e da origem dos principais significados da realidade, e a *era antropológica*: que transportou o homem ao centro do discurso, e tornou-o objeto de pesquisa, período esse que se caracterizou com o surgimento da filosofia clássica. Godoy (2010, p. 13).

2.1 ERA COSMOLÓGICA

Este período da história Grega foi caracterizado por criação de relatos fantásticos de tradição oral, protagonizados por seres poderosos que encarnavam sob forma simbólica ou humana. Estes relatos são chamados de mitos, Santos (2014, p.86). A mitologia foi uma tentativa de atribuir sentido ao mundo ao criarem os deuses do monte Olimpo, gerando a este povo um sentido de espacialização e tempo como demarcadores de sua presença no mundo Regis (1997, Paginação irregular).

2.2 ERA ANTROPOLOGICA

Este período se caracteriza pela Valorização da Razão, porquanto para os gregos a razão era considerada a “alma racional”, que deveria ser utilizada como instrumento de conhecimento do mundo e dos elementos constituintes da natureza, através de uma abordagem racional discursiva e demonstrativa, Behrens e Oliari (2007, p. 56). Essa fase apresentou-se duas grandes divisões, primeiramente a visão de Platão: que evidenciou uma visão antropológica dualista, estabelecendo uma divisão entre corpo e alma, e depois se partiu para visão de Aristóteles que embasava sua doutrina na antropologia, no racionalismo e empirismo respectivamente. Oliveira (2013, p. 31 - 32).

3. VISÃO DE SAÚDE E DOENÇA NA GRÉCIA ANTIGA EM UM PRISMA MISTICO

Os conceitos de Saúde antes de Hipócrates eram mais voltados à atividade religiosa do que conhecimento científico, pois quando alguém adoecia era levado aos templos para serem curados através de rituais mágico – religiosos, Vasconcelos (2012, p. 4). Nestes templos o sacerdote tinha distintas funções entre estas realizava preces curativas; interpretava sonhos e ainda prescrevia dietas de acordo a essas revelações oníricas Montanari (2000, p. 134). Pois o sacerdote era visto pela população como alguém que exercia o papel de mediador entre homens e deuses, era visto como um ser que era investido de atributos de divindades, tais como o poder de curar e até o poder da vida e da morte Formiga (2008, p. 22).

O templo que ficou mais conhecido foi o da cidade de Epidauro, onde tinha um grande número de sacerdotes, a fim de revelar os sonhos enviados por seus deuses, sonhos estes que devia ser cumprido à risca pelo enfermo. Esse santuário era considerado local sagrado e por isso evitavam mortes e nascimento no seu interior. Assim em 170 d.C. foram construídos dois prédios ao lado do templo; uma maternidade e um local para receber moribundos, Vieira (2006, p. 15).

Eram fixadas, nas paredes do templo de Epidauro, tábuas de mármore, que registravam as curas mais importantes, Gruner cita um relato do templo:

“Ambrósia de Atenas, cega de um olho, veio pedir a ajuda do deus, mas no templo troça das suas curas miraculosas. Também a ela aparece Asclépio, prometendo a sua cura, mas exigindo a doação de um porco de prata que simbolizasse a sua tolice. Asclépio então corta e embalsama o olho e Ambrósia parte de manhã já curada.” (GRUNER, 2010, p. 134).

Nos Santuários da Grécia antiga existiam deuses especificamente voltados para área da saúde, um deles era Asclépio; filho do deus Apolo com uma mortal chamada Coronis. Diz a mitologia que depois de Coronis se unir a Apolo traiu-o com Ísquis filho de Elato, uma gralha revelou esse fato a Apolo e o deus matou a amante leviana, no momento que Apolo ia queimar o corpo de Coronis retirou de seu ventre seu filho que estava prestes a nascer, este recebeu o nome de Asclépio, e foi entregue ao centauro Quirion, de quem aprendeu a arte da medicina, Cury (2008, p. 47 - 48).

Asclépio além de ter como professor o centauro que ensinou a arte de curar, também foi orientado por uma serpente que o havia ensinado como ressuscitar mortos, revivendo outra serpente, segundo a lenda foi a partir desse momento que o adotou o símbolo da serpente definitivamente para si, Hyginus citado por Feitosa (2011, p. 128). Partindo desse fato os terrenos dos templos abundavam serpentes amareladas não venenosas chamadas de *escravas sagradas de asclépius*, que de modo desconhecido colaborava no tratamento, apressando a cura dos enfermos. Silva (2004, 15 -16).

Os Gregos também cultuavam as deusas filhas de Asclépio, Higéia: a Saúde, e Panacéia: a cura. Higéia era uma das manifestações de Athena, a deusa da razão, e o seu culto, como sugere o nome, representa uma valorização das práticas higiênicas, já Panacéia representa a ideia de que tudo pode ser curado - uma crença basicamente mágica ou religiosa. Sciliar (2007, p. 32). Pois Panacéia preconizava a medicina curativa, e práticas terapêuticas mediante encantamentos, preces ou uso de medicamentos, diferentemente da irmã Higéia que defendia a saúde como resultante da harmonia entre homens e ambientes e buscava promovê-la por meio de ações preventivas, Pitanga (2002, p. 50).

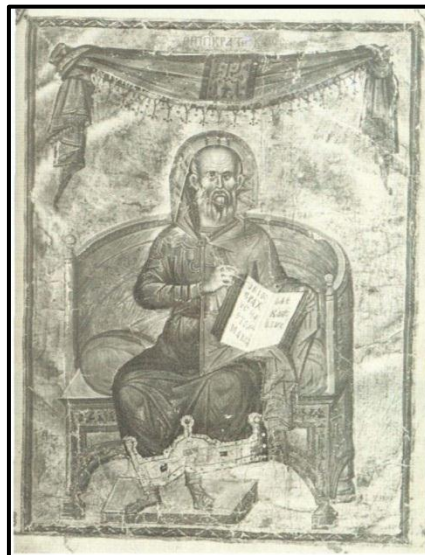
4. VISÃO DE SAÚDE E DOENÇA NA GRÉCIA ANTIGA EM UM PRISMA RACIONAL

A clássica cultura grega descortinou novos horizontes no processo de saúde-doença ao abandonar as representações mágicas e partir para explicações racionais para o surgimento da doença, através das observações empíricas de: sazonalidade, exposições ocupacionais e posição social, Mendes (2008, p. 25). Pois para se constituir uma nova medicina teriam que partir da crítica e da recusa dessas práticas mágicas e religiosas avançando assim para duas ordens, primeiramente a *naturalização da doença*, que tinha por princípio a mudança na causalidade das enfermidades e depois a *laicização do cuidado*, que tinha como objetivo quebrar o conceito que o cuidado vinha de uma pessoa escolhida ou descendência específica,

e sim para todos que quisessem buscar conhecimento previamente, Askofare (2006, p. 162).

Foi Hipócrates (figura 1) então que deu o pontapé para essa transformação nos conceitos de saúde na Grécia há 2.500 anos, com o argumento de compreender a história da doença. Foi ele que inaugurou observação clínica e criou a anamnese, pois seus exames consistiam em medir a temperatura através da imposição das mãos, observar cuidadosamente, apalpar o corpo e auscultar os batimentos cardíacos, Moreira, Romagnoli e Neves (2007, p. 610).

Figura 6 - Hipócrates, representado por um artista bizantino.



Fonte: AIRES 2008. p. 2

Sua fisiologia fundamentava-se na doutrina humoral (figura 2), teoria essa que apresenta o corpo humano constituído por uma mistura de quatro fluidos, que seria: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra e cada um desses fluidos estaria associado a um dos elementos essenciais da natureza, ou seja, a bile amarela associava ao fogo; o sangue ao ar; a bile negra representava a terra e a fleuma á água. Assim, o sangue seria quente e úmido; a fleuma, fria e úmida; a bile amarela, quente e seca, e a bile negra, fria e seca, Aires (2008, p.2).

Figura 2- ilustração da teoria dos humores, de Hipócrates.



Fonte: psicologimoderna.blogspot.com

“A saúde estaria associada com a perfeita justa proporção destes humores, tanto qualitativa quanto quantitativamente. A doença seria resultado do isolamento de um dos humores em alguma região do corpo” Castro e Fernadez (2011, p. 802). Para Hipócrates, a saúde era a demonstração da condição de equilíbrio desses humores no corpo humano, que poderia ser alcançada através de um estilo de vida ideal, que incluía nutrição, excreção, exercício e repouso adequados. Oliveira e Egry (2000, p. 10).

Seguindo esse mesmo princípio, as enfermidades eram rotuladas como frias ou quentes: as erupções e outras doenças, compreendidas como vindas de dentro para fora eram consideradas quentes, já as moléstias de vias respiratórias, entendidas como vinda de fora para dentro eram consideradas frias, Rodrigues (2001, paginação irregular).

Além de sua Grande obra: *corpus hipocraticum*, Hipócrates escreveu, sobretudo uma obra intitulada: *Sobre os Ares, As Águas e os Lugares*, obra esta que abordava a relação entre as doenças, geralmente as endêmicas e ainda apresentava as localizações de seus focos, essa nova temática permitiu além de uma desmistificação religiosa, uma nova visão intelectual da medicina, que estudava, refletia e criavam hipóteses, Ribeiro (2004, p. 72). A partir daí mesmo sem noções de microbiologia, formulavam-se possíveis hipóteses sobre as doenças,

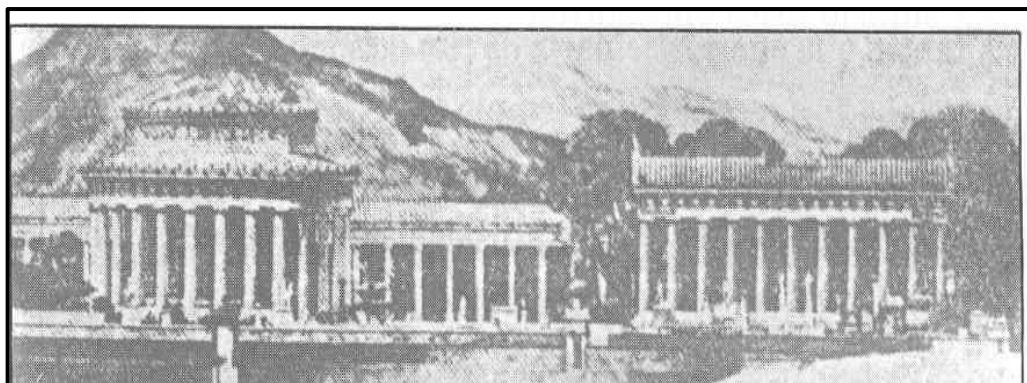
como no caso da malária, nome este dado que significa em latim: “maus ares”, pois acreditava que esta patologia era contraída pelo ar das regiões insalubres em vez do mosquito transmissor do plasmódio, sua real etiologia. Sciliar (2005, p. 25).

Esses e outros conceitos de saúde foram o alicerce para fundação da escola Hipocrática, instituição esta que aprofundara as estratégias de recuperação da saúde, prevenções de doenças, e sobretudo a valorização do ambiente de trabalho, Barros (2002, p. 70).

5. HOSPITAL DE EPIDAURO

O hospital construído na cidade de Epidauro (figura 3), do lado do templo do deus Asclépio, fora referencia em toda a Grécia, pois havia múltiplas divisões designadas a distintas atividades curativas, como sala de exames, alojamentos individuais, sala de banho, praça de esportes e até anfiteatro, Fagionato (2008, p. 14). Para os sacerdotes- médicos de Epidauro essas atividades também desenvolvia a saúde, como, fazer exercícios na praça de esporte integrava mente e corpo e melhorava o tônus corporal, no teatro dramatizações de situações complexas facilitavam a cura do paciente; ou simplesmente ouvir uma musica ou ler um poema poderia ajudar a relaxar e reduzir a ansiedade do enfermo, Nava (2003).

Figura 01 – Reconstituição do Templo de Asclépio, construído por volta de 460 a. C.



FONTE: ANTUNES, 1991, p.19

Além de grandes áreas compartimentadas para fins curativos, este hospital também tinha como recurso a utilização de remédios, procedimentos psicológicos e até mesmo a orientação de métodos de higiene pessoal, todavia sem deixar de lado

a face religiosa da instituição, pois apesar de tantos recursos, Hipócrates seu principal líder recomendava preces e sacrifícios para agradar aos deuses. Sonenreich, Estevão e Silva (1999, p. 36).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de saúde e doença na Grécia Antiga tiveram duas grandes interpretações, primeiramente a visão da saúde e enfermidade embasada no olhar místico, e politeísta, que reverenciava a mitologia grega e as práticas mágicas e posteriormente a visão racional da saúde fundamentada na antropologia, no surgimento da filosofia e sistematização de ideias. A transição dessas abordagens a respeito da saúde trouxe grande evolução para as práticas curativas não só para Grécia, mas para civilizações vindouras. A finalidade deste trabalho fora expor o período místico das teorias de saúde e o período racional destas proposições, para enfim relatar sua transitoriedade, e descrever sua importância para história da Saúde em geral.

REFERENCIAS

AIRES, M. M. **Fisiologia**, - Rio de Janeiro: editora Guanabara Koogan S. A. 2008. 1229 p.

ANTUNES, J. L. F. **Hospital: instituição e história social**. São Paulo: Letras & Letras, 1991. 168p.

ASKOFARE, S. A Arqueologia do cuidado: da prática ao discurso. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 157 – 166, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v17n2/v17n2a08> >. Acesso em: 02 FEV. 2015.

BARROS, J. A. C. Pensando o processo saúde e doença: a que responde o modelo biomédico. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.67 – 84, 2002. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v11n1/08.pdf> >. Acesso em: 12 JAN. 2015.

BEHRENS, M. A; OLIARI, A. L. T. A evolução dos paradigmas na educação: of the traditional scientiific thought to the complexity. **Revista dialogo educacional**, Paraná –RS, v. 7, n. 22, 2007. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116805004> >. Acesso em: 15 JAN. 2015.

CASTRO, F. S; FERNADEZ, J. L. Alma, corpo e antiga civilização Grega: as Primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. **Revista Psicologia, Reflexão e Crítica**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 798 – 809. 2011. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18821437021>>. Acesso em: 21. JAN. 2015.

COTRIM, G. **História Global: Brasil e geral**, 8º ed. – São Paulo: Saraiva, 2005. 608 p.

CURY, M. D. G. **Dicionário de mitologia Grega e Romana** – 8.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2008. 405 p.

FAGIONATO, R. et.al. história de medicina na mesopotâmia. **Revista HUGV**, Manaus, v.7, n. 1-2, p. 23-26, 2008. Disponível em: <http://www.hugv.ufam.edu.br/downloads/revistas/REVISTA_HUGV_2008.pdf#page=23>. Acesso em: 07 FEV. 2015.

FEITOSA, J. V. G. Rito e cura no culto de Asclépio no final do período clássico **Revista nearco - revista eletrônica em antiguidades**, ano. 4, n. 2, p. 124 – 138. 2011. Disponível em: < <http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero8/artigos.pdf> >. Acesso em: 07 FEV. 2015.

FORMIGA, J. V. **Motivações e expectativas dos alunos de um curso superior de Enfermagem**, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, (monografia) 147 f. 2008. Disponível em: < http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1236/Jussara%20Formiga_disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1 >. Acesso em: 12 JAN. 2015.

GODOY, P. R. T. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia** – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GRUNER, H. O culto de Asclépio – Os templos da medicina. **História da Medicina**, Lisboa, v. 17, n. 02, 2010. Disponível em: < http://www.spmi.pt/revista/vol17/vol17_n_2_2010_133_134.pdf >. Acesso em: 07 JAN. 2015.

MENDES, J. M. R; LEWGOY, A. M. B; SILVEIRA, E. C. Saúde e interdisciplinidade: mundo vasto mundo. **Revista Ciência e Saúde**, Porto Alegre – RS. Jan/Jun. 2008. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/view/3864/2957>>. Acesso em: 11 JAN. 2015.

MONTANARI, C. A. A química medicinal na próxima década. **Química Nova**, Minas Gerais, v. 23, n. 1, 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/qn/v23n1/2157.pdf> >. Acesso em 15 JAN. 2015.

MOREIRA, J. O; ROMAGNOLI, R. C; NEVES, E. O. O surgimento da clínica Psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção e saúde. **Revista Psicologia, Ciência e profissão**, Minas gerais, v. 27, n. 4, p. 608 – 621, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a04.pdf> >. Acesso em: 04 FEV. 2015.

NAVA, P. **Território de Epidauro** – São Paulo: Ateliê Editorial. 2003

OLIVEIRA, A. D. Antropologia platônica: a via do racionalismo dualista, **Ágora revista eletrônica**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 16, JUN. 2013. Disponível em: < http://agora.ceedo.com.br/ojs/index.php/AGORA_Revista_Eletronica/article/viewFile/46/42> Acesso em: 12 FEV. 2015.

OLIVEIRA, M. A. C; EGRY, E. Y. A historicidade das teorias interpretativas do Processo Saúde – Doença. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 9 – 15. 2000. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v34n1/v34n1a02.pdf>>. Acesso em: 12 JAN. 2015.

PITANGA. F. J. G. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Revista Brasileira de Ciência e movimento**, Brasília, v. 10, n. 3, JUL. 2002. Disponível em: <http://www.klheberpersonal.com.br/artigos/artigo_088.pdf>. Acesso em 06 JAN. 2015.

REGIS, F. Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição. **Revista Logos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14592/11055> > . Acesso em: 16 JAN. 2015.

RIBEIRO, H. Saúde Pública e meio ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. **Revista saúde e sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 70 – 80, Jan/Abr. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/08.pdf> >. Acesso em 06 JAN. 2015.

RODRIGUES, A. G. Buscando raízes. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832001000200007&script=sci_arttext >. Acesso em: 24. JAN. 2015.

SANTOS, L. G. Os mitos gregos e suas abordagens na tomada de decisões no campo empresarial. **Revista Gedecon**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revistaelectronica.unicruz.edu.br/index.php/GEDECON/article/view/594/404> > Acesso em: 12. JAN. 2015.

SONENREICH, C; ESTEVÃO, G; SILVA, L. M. A. F; Unidade psiquiátrica no Hospital Geral do HSPE de São Paulo. **Revista USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 32 – 43, Set/Nov. 1999. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/File/64200/66894> >. Acesso em 06 FEV. 2015.

SCILIAR, M. História do conceito de saúde. **Revista de saúde coletiva** – Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, paginação irregular. 2007. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312007000100003&script=sci_arttext&lng=es > Acesso em: 06 JAN. 2015.

SCILIAR, M. **A trajetória da saúde pública**. 2º - São Paulo: editora Senac São Paulo. 2005.

SILVA, J. M. Asclepius e o “culto da serpente”. **Boletim da SPHM**, [sem. Local]. V. 19, n. 4, Out-Dez. 2004. Disponível em: < http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/987/1/1763_8_4_2004_asclepius.pdf >. Acesso em: 12 JAN. 2015.

VASCONCELOS, F. H; FREITAS, J. C. Filosofia e saúde: as enfermidades do homem em Hipócrates e Platão. **Revista CEREUS**, Gurupi – TO, v. 4, n. 1, Jan/Abr. 2012. Disponível em: < <http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/1/article/view/94/88> >. Acesso em: 02 JAN. 2015.

VIEIRA, C. M. A. M. **A construção de um lugar para Psicologia em hospitais de Sergipe**. 2006. 164 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006. Disponível em: < http://www.sapientia.pucsp.br/tde_a

rquivos/25/TDE-2006-04-10T08:30:07Z-1845/Publico/Dissertacao-CeliaVieira.pdf >.
Acesso em 15 JAN. 2015.